

# Fim da Guerra Fria ou fim da

As profecias facilitam, por vezes, o sucesso no «mercado» intelectual. Em parte por isso, «O fim da História?», de Francis Fukuyama, tornou-se um best-seller na imprensa internacional durante os últimos meses. O seu autor desempenha o cargo de director adjunto dos serviços de planeamento do facto que contribuiu para a sua repercussão internacional, embora Fukuyama faça questão em esclarecer que o seu ensaio não foi financiado pelo Governo americano, nem da Rand Corporation, a que também esteve ligado.

O artigo foi publicado, no Verão passado, nas páginas da revista norte-americana «The National Interest». As ideias foram expostas, em parte, por Francis Fukuyama no Olin Center da Universidade de Chicago. Seguiu-se, nos Estados Unidos da América e na Europa, um amplo debate, aqui e além, referências esparsas (por exemplo, em artigo de Guilherme d'Oliveira Martins, no «DN»). Poucos tiveram, porém, a coragem de decidir adquirir os respectivos direitos, e promover a sua publicação e o debate entre intelectuais, políticos, escritores e académicos. A partir desta edição, o «Diário de Lisboa» publicará quatro textos correspondentes aos capítulos III, IV e V do artigo de Fukuyama sobre a política internacional e as suas consequências futuras. Omitimos apenas os capítulos I e II, que respeitam às teses de Hegel e do seu discípulo. Dada a incompatibilidade entre o estilo gráfico de um diário e as notas de rodapé, incluímos em pequenas caixas, acompanhadas de setas, algumas importantes inseridas dessa forma no texto original.

## 1-A derrota das alternativas ao liberalismo ocidental

Ao observar o curso dos acontecimentos ao longo da última década, torna-se difícil evitar a sensação de que algo de fundamental se registou na História mundial. Neste ano que finda, uma série de artigos veio celebrar o fim da Guerra Fria, assim como o facto de a «paz» parecer estar a despontar em diversas zonas do Mundo. A maior parte destas análises não está suficientemente enquadrada em termos conceptuais para se poder distinguir entre o que é essencial e o que é contingente ou acidental na História; daí o seu tom superficial. Se Gorbachev fosse expulso do Kremlin, ou um novo Ayatollah viesse proclamar o milénio numa remota capital do Médio Oriente, os mesmos analistas apressar-se-iam a anunciar o regresso de uma nova era de conflito.

E, no entanto, todos eles se apercebem de um processo mais vasto em curso, o qual dá coerência e ordem às notícias que, diariamente, ocupam os cabeçalhos dos jornais. O século XX viu os países desenvolvidos caírem num paroxismo de violência ideológica, enquanto o liberalismo se confrontava, primeiro com os resquícios do absolutismo, depois com o bolchevismo e o fascismo e, finalmente, com um marxismo modernizado, que ameaçava conduzir ao derradeiro apocalipse da guerra nuclear. Mas este século, que começou cheio de confiança no triunfo final da democracia liberal e ocidental, parece, agora que se aproxima do fim, ter completado um círculo e regressado ao ponto de partida: não a um «fim da ideologia» - ou seja, uma convergência entre o capitalismo e o socialismo, como fora vaticinado - mas a uma estrondosa vitória do liberalismo económico e político.

O triunfo do Ocidente, da concepção ocidental, torna-se patente, em primeiro lugar na completa exaustão de alternativas sistemáticas viáveis para o liberalismo ocidental. Na última década, houve uma mudança inequívoca no panorama intelectual dos dois

maiores países comunistas do Mundo, e em ambos começaram a surgir significativos movimentos de reforma. Mas este fenómeno ultrapassa a esfera da alta política, verifica-se também na expansão inelutável da cultura de consumo ocidental, em contextos tão diversos como os mercados populares e os aparelhos de televisão a cores, agora omnipresentes em toda a China, ou as cooperativas de restaurantes e lojas de vestuário inaugurados, no ano passado, em Moscovo. Beethoven inunda os centros comerciais japoneses e a música rock é apreciada tanto em Praga como em Rangoon ou Teerão.

O que estamos a testemunhar poderá não ser, apenas, o fim da Guerra Fria ou de um período específico dos pós-guerra, mas o fim da própria História, isto é, o ponto final da evolução ideológica da humanidade e a universalização da democracia liberal ocidental como única forma de governo. Tal não significa que deixará de haver acontecimentos para encher as páginas do sumário anual das relações internacionais da «Foreign Affairs», pois a vitória do liberalismo verificou-se, antes do mais, no domínio das ideias ou do espírito, e ainda se encontra incompleta no mundo real e material. Mas existem razões poderosas para acreditar que o ideal governará, a longo prazo, o mundo material (...)

### Fascismo e comunismo

(...) Teremos, de facto, chegado ao fim da História? Ou, por outras palavras, existirão ainda quaisquer «contradições» fundamentais na vida humana que não possam ser resolvidas no contexto do liberalismo moderno, que encontrariam solução numa estrutura político-económica alternativa? Partindo das premissas idealistas atrás expostas, a resposta deverá ser procurada no domínio da ideologia e da consciência. Não vamos debater exaustivamente os reptos ao liberalismo lançados, em todo o

Mundo, pelos messianismos fanáticos, mas analisar os que se incorporam em importantes forças em movimentos sociais ou políticos e pertencem assim, à História mundial. Neste contexto, pouco importam as estranhas ideias que possam surgir na Albânia ou no Burkina Faso: só nos interessa aquilo a que poderíamos chamar a herança ideológica comum da humanidade.

Neste século, houve dois grandes desafios ao liberalismo: o fascismo e o comunismo. O primeiro considerava que a debilidade política, o materialismo e a falta de sentido comunitário do Ocidente eram contradições fundamentais da sociedade liberal, apenas podendo ser resolvidas por um Estado forte, que forjasse um novo «povo» na base da exclusividade nacional. A II Guerra Mundial destruiu o fascismo como ideologia viva. Claro que se tratou de uma derrota a um nível muito material; mas também anulou a ideia. E o que destruiu o ideal fascista não foi uma repugnância moral generalizada - pois muitos se mostraram dispostos a apoiá-lo enquanto parecia conter a chave do futuro -, mas a sua falta de êxito. Depois da guerra, a maioria das pessoas sentiu que o fascismo alemão (assim como as suas variantes europeias e asiáticas) estava condenado à autodestruição. Não houve qualquer motivo material para que novos movimentos fascistas não voltassem a renascer noutros locais, excepto o facto de que o ultranacionalismo expansionista, com a sua promessa de conflito interminável e consequentes desastres militares, ter perdido por completo a capacidade de atracção. As ruínas do Reich, assim como as bombas atómicas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki, eliminaram por completo esta ideologia, e todos os movimentos proto-fascistas semeados pelo exemplo alemão e japonês - como o movimento peronista, na Argentina, ou o Exército Nacional Indiano de Subhas

Chandra Bose - desapareceram depois da guerra.

### Malogro no Ocidente

O desafio ideológico representado pela outra grande alternativa ao liberalismo, o comunismo, foi muito mais sério. Marx, utilizando a linguagem de Hegel, proclamou que a sociedade liberal encerrava uma contradição fun-

damental irresolúvel no seu contexto; esta contradição - entre o capital e o trabalho - tem constituído, desde então, a principal acusação contra o liberalismo. Mas a luta de classes já foi ultrapassada, com êxito, no Ocidente. Como Kojève (entre outros) observou, o igualitarismo na América contemporânea representa, no essencial, a base

da sociedade sem classes preconizada por Marx. Isto não significa que não haja ricos e pobres nos Estados Unidos, ou que a distância entre ambos não tenha aumentado, nos últimos anos. Mas as raízes da desigualdade não têm a ver com a própria estrutura social e legal da nossa sociedade - que permanece fundamentalmente igualitária



A Europa antes da Segunda Guerra Mundial

